

Como Comprar um Revólver para Tiro ao Alvo

Maj Art QEMA
RONALDO MARCELLO A. MARTINS
e
RICARDO FERNANDES DE FREITAS
da Federação Carioca de Tiro

A) O COMPRADOR

Quantas vezes já vimos alguém comprar uma arma? Tratando-se de uma arma curta — abordaremos, especificamente o caso do revólver no presente artigo — a figura do comprador é realmente algo de interessante. Normalmente, ele só sabe que quer um revólver. Não sabe para que, nem de que marca, nem de que calibre ou tipo. Olha diversas armas, segura-as, aponta-as, puxa o gatilho, abre o tambor, torna a olhar as armas, sem nada ver e acaba decidindo-se em função do preço.



B) A ARMA

Não entraremos em detalhes sobre quais as características quanto ao comprimento do cano e quanto ao calibre da arma, pois são variáveis da finalidade — defesa pessoal, tiro esportivo, tiro ao alvo, etc.

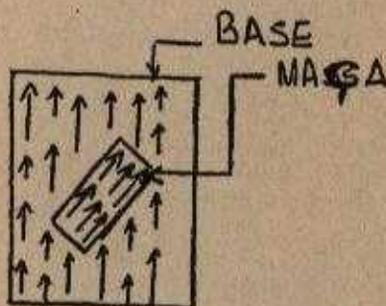
Trataremos, isto sim, de itens que são de um modo geral comum a todas elas e mais particularmente das características necessárias a uma arma para a prática de tiro ao alvo.

C) O QUE EXAMINAR NUMA ARMA

1. Maça de mira

1.1. Polimento

A maça de mira não deve ser polida. É importante que ela não reflita a luz na vista do atirador, para não prejudicar a visada. Especificamente, no tiro ao alvo, uma superfície anti-refletiva evita o emprego da fumaça de vela, óleo, etc., o que sempre prejudica a oxidação da arma.



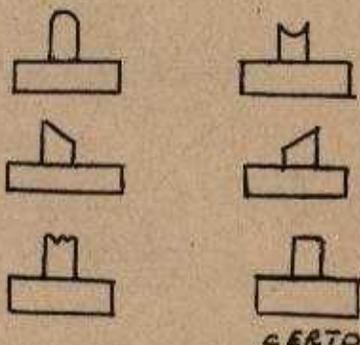
1.2. Envisamento da maça

Algumas maças são coladas na base. Não tendo sido perfeito este trabalho, a visada resulta imperfeita, pois o atirador enxerga além da parte posterior da maça alguma coisa mais de uma de suas partes laterais.

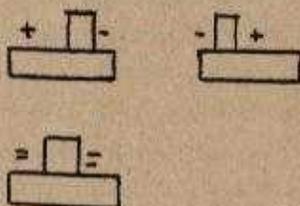
Acresce-se o fato dessas laterais serem polidas irregularmente, ocasionando deste modo reflexos que prejudicam a pontaria.

1.3. Face Superior da Maça

A face superior deve ser plana. Somente as armas destinadas à defesa pessoal (tiro a curta distância) podem se dar ao luxo de desprezar tal detalhe. As superfícies inclinadas, côncavas ou convexas prejudicam a precisão tão necessária ao tiro.



1.4. Centralização da Maça em Relação a sua Base



Os desenhos ao lado são bastante explícitos quanto ao tópico. Uma arma com este defeito, não se presta para a prática do tiro ao alvo.

1.5. Fixação da Maça

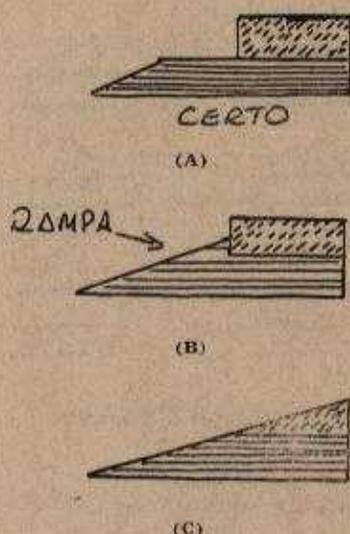
Há dois processos que podem ser utilizados na fixação da maça. Um utiliza cola e o outro um pino ou parafuso. Achamos que o segundo, fixando a maça numa ranhura do cano, a tornaria mais firme, facilitando mesmo a sua remoção, se necessário.

1.6. Largura da Maça de Mira

A maça de mira, sendo muito fina, permite entrada excessiva de luz, ocasionando dificuldades ao atirador para enxergá-la.



1.7. Desenho da Maça



Há vários modelos de maça de mira. Para o tiro ao alvo, acreditamos que o melhor desenho seja aquele, onde a rampa não chega até a alça. Veja-se a figura ao lado. Em (a) a rampa termina no mesmo plano da base da alça. Isto dificulta o aparecimento de reflexos que possam perturbar a pontaria. O mesmo não ocorre, nem em (b), nem em (c).

2. Peso e equilíbrio

Um revólver deve ser perfeitamente equilibrado. Um cano excessivamente curto (ou longo) ou demasiadamente pesado (reforçado) impedem este equilíbrio. No tiro ao alvo o comprimento máximo do cano é de 6".

O peso é também importante. Nem muito leve, nem pesado em demasia.

Como exemplo do que foi anteriormente dito, daremos o peso de quatro armas (escolhidas ao acaso) produzidas no Brasil para a prática do tiro ao alvo.

RV .22	1.168,3g e 1.164,3g
Rv .38	1.032,3g e 1.031,2g

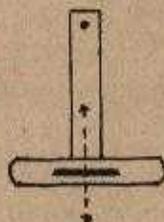
Normalmente, os canos são tratados do mesmo modo até a fase de ralamento, quando são empregados alargadores de calibres diferentes.

Os números anteriores indicam que as armas cal .22 acima têm o cano muito pesado. Disto resulta o desequilíbrio da arma e o cansaço do atirador.

3. Alça de mira

3.1. Quadro da Alça de Mira

Nas armas de mira regulável, o material empregado nesta peça deve ser de muito boa qualidade. Igualmente, deve ficar fixo na armação da arma, de modo a não oscilar para nenhum lado.



3.2. Tamanho da Alça

Quer a alça, quer a maça de mira, não podem ser desproporcionais entre si. Se tal ocorrer, o tiro não poderá ser controlado em altura.

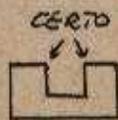
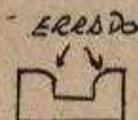
Evidentemente, este item só poderá ser observado no estande com a realização do tiro real.

As soluções para este caso (o tiro não pode ser abaixado, por exemplo), quando os *clicks* não são suficientes, seriam:

- 1º — Diminuir a altura da alça;
- 2º — Aumentar a altura da maça.

A segunda alternativa é a mais simples (para *quebragalho* o Durepoxi resolve).

3.3. Aresta Superior da Alça



Os ângulos do quadro de visada devem ser sempre retos. A parte superior da alça deve ser em ângulos retos e não ter as suas arestas aplanadas, formando linhas curvas. Quando isto acontece, fica difícil ao atirador conjugar alça e maça.

3.4. Fixação da Alça

É outro detalhe que só pode ser constatado com a execução do tiro real.

A alça de mira é fixada na armação por um pequeno parafuso. Com a sucessão dos disparos, este parafuso tende a afrouxar-se e a alça passa a oscilar no seu encaixe.

3.5. *Folgas Laterais*

Não deve haver folgas entre a haste de fixação da alça e o seu entalhe na armação.

Se ocorrer um deslocamento após o disparo, por menor que ele seja, haverá, um grande desvio no impacto do projétil, no próximo disparo, lá no alvo.

3.6 *Clicks*

A regulagem da alça de mira, tanto em altura como em direção, é feita por dois parafusos que, ao serem acionados, devem produzir um ruído semelhante a um "click" e apresentar uma resistência ao seu acionamento que indicam ter sido atingido mais um grau da regulagem. Cada click corresponde, aproximadamente, a um desvio de 1 cm do ponto de impacto do projétil no alvo (a 25 m).

Ao atirar no estande, pode ocorrer que o atirador ao girar o parafuso, não obtenha o deslocamento desejado em direção. O remédio no caso será trocar a pequena mola responsável pela impulsão lateral.

4. *Tambor*

4.1 *Chaveta do Tambor*

Quando, com o gatilho desarmado, o tambor gira no sentido contrário ao imprimido pelo impulsor do tambor, é sinal que a chaveta está muito baixa, não encaixando no tambor.

4.2. *Atrito excessivo do tambor com seu eixo*

Sempre que o tambor gira, ele atrita com o seu eixo. Ora, não havendo polimento entre estas partes, o atrito ocasiona um desgaste excessivo em ambas as peças.

Fruto deste desgaste constante, surgem as folgas, não obstante o uso contínuo de lubrificantes.

Num revólver novo estas folgas, praticamente, inexistem.

4.3. *Ajuste entre o tambor e seu eixo*

Se o tambor e seu eixo não estão ajustados, também não estarão no mesmo prolongamento o extrator, a câmara de explosão e a entrada do cano. Não estando estas peças na posição correta, ao ser feito o disparo o projétil antes de atingir o interior do cano, esbarrará em suas bordas, estilhaçando-se parcialmente.

Quando isto ocorrer, estaremos realizando um disparo impreciso e sem segurança.

O projétil, indo de encontro às paredes do cano, sofrerá deformações. Estas deformações, sob a resistência oferecida pelo ar, servirão para desviar o projétil de sua trajetória de uma forma sempre imprevisível.

Quanto aos estilhaços, vindo estes também para trás, poderão atingir o atirador ou seu vizinho.

4.4. *Superfície de encaixe do extrator*

O extrator aloja-se face a face com o tambor. No tambor encontramos dois pinos de fixação do extrator. Estes pinos são colocados em seus furos no tambor, manualmente. A operação de fixação dos mesmos também é manual, sendo feita com o emprego de um martelo e uma punção de ponta oca.

Nesta operação, a ferramenta pode deixar sinais claros de sua atuação. Neste caso, surgem ondulações, conforme vemos na figura abaixo:



É esta superfície ondulada que irá receber a superfície plana do extrator.

Ambas superfícies não se tocarão, de forma igual, em toda a sua extensão, surgindo, assim, espaços vazios.

Após uma violenta martelada sobre o extrator são abertas no conjunto acima as câmaras de explosão.



O indivíduo candidato a aquisição de um revólver deve examinar cuidadosamente esta face do tambor, na procura de possíveis espaços vazios.

4.5. Espaços vazios

Nos espaços vazios, existentes entre as faces do tambor e do extrator, acumulam-se gases provenientes da combustão da pólvora. Em função da expansão destes gases, o extrator será jogado violentamente para a retaguarda. Quando isto ocorrer, o cartucho não terá suas paredes laterais protegidas, dilatando-se, então, e convertendo-se em buchas metálicas no interior da câmara.

Os espaços vazios favorecem, também, o acúmulo de impurezas provenientes da queima da pólvora que agem como abrasivos sobre as peças já defeituosas.

5. Extrator

5.1. *Mola do Extrator*

Quando a mola estiver fraca, ela não permitirá o retorno do extrator ao seu encaixe no tambor.

5.2. *Entalhes que Recebem o Impulsor do Tambor*

Os entalhes do extrator podem apresentar rebarbas de metal que dificultarão o perfeito acionamento do gatilho, ocasionando não só arrastos como variações no peso do gatilho.

É de todo interesse que o comprador examine o fresamento desta parte do extrator.

6. Cão

6.1. *Curso do Cão*

Não deve ser muito longo em uma arma destinada ao tiro ao alvo. No curso do cão, até o cartucho ser percutido, o atirador poderá apresentar uma série de rápidas reações (de fundo nervoso) que influenciarão no resultado do disparo.

Em consequência, quanto menor for este curso, melhor.

6.2. *Desenho do Cão*

Ao ser armado o cão, sua tecla não deverá impedir que o atirador adote uma empunhadura a mais alta possível, dentro da técnica do tiro ao alvo. Face a determinadas teclas, o atirador se vê obrigado a uma empunhadura baixa.

6.3. *Parte Serrilhada da Tecla*

Deve, além de oferecer uma boa área de apoio para a operação de armar o cão, ser fresada convenientemente, de

modo que o polegar não deslize, mesmo úmido de suor. Deste modo, ficarão reduzidas as oportunidades de um disparo acidental.

6.4. *Folga do Cão*

O curso semicircular do cão é determinado por um pino, em torno do qual ele gira, impulsionado pela mola real e pela haste da mola real.

O cão deve ser forçado para ambos os lados. Havendo folga, o cão roçará na armação da arma, influenciando negativamente na obtenção de um bom resultado.

7. *Percursor ou percutor*

Nas armas calibre .22 a ponta do percursor ou percutor não pode ser afiada como uma lâmina. Quando isto acontece, o culote do cartucho é quase cortado, favorecendo o seu estufamento.

8. *Gatilho*

8.1. *Teclas do Gatilho*

Não deve ser muito estreita. Uma pequena área de apoio para o indicador favorece uma posição forçada da mão do atirador, obrigando também que o dedo fique muito próximo da lateral da armação da arma.

9. *Diversos*

9.1. *Oxidação*

A melhor oxidação é a do tipo "blue". Todas as peças devem ter a mesma coloração. Não deve haver pontos de ferrugens.

9.2. *Ferrolho do Tambor*

O orifício por onde se comunica com a parte interna, não deve ser muito grande e ficar sobrando por baixo do ferrolho, favorecendo a entrada de poeira e outras impurezas.

9.3. *Parafusos*

Sendo feitos de material resistente, não se deformam com facilidade, não se afrouxam com os disparos, nem sofrem ação da ferrugem.

9.4. *Polimento das Peças Internas*

Normalmente, muito poucas são as peças internas que sofrem polimento. As rebarbas de metal devem ser procuradas.

10. *Conclusão*

Acreditamos que os tópicos aqui abordados possam orientar ao futuro comprador, muito embora, face à limitada variedade de marcas e modelos existentes no mercado, o atirador encontre realmente dificuldade em adquirir uma boa arma.

Se o problema for resultante do tamanho da mão do atirador, artifícios como calços especiais ou empunhaduras anatômicas poderão ser a solução.

*Além da terra, além do infinito, eu procurava,
em vão, o céu e o inferno, mas uma voz me disse:
O céu e o inferno estão em ti mesmo.*

(OMAR KHAYAN)